

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora Class.: 143

Data: 03.04.84 Pg.: _____

ANAÍ teme intervenção militar no Parque do Xingu

Zero Hora 3-4-84

Por GILMAR EITELWEIN
Editoria Local/ZH

A diretoria da Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAÍ), manifestou, ontem, o temor de que o governo federal esteja buscando um pretexto para intervir militarmente no Parque Indígena do Xingu, onde cerca de 130 índios txucarramãe, do grupo Cajapós, interditaram todo o tráfego da reserva, ao apreender a balsa, mantendo presos seis funcionários do posto indígena de Cretira, bem como o diretor do parque, Cláudio Romero. O presidente da ANAÍ, Júlio Gaiger, manteve uma série de contatos com Brasília no fim de semana e acha que a omissão da Funai na questão "está abrindo um espaço muito perigoso para justificar uma intervenção militar na reserva".

A entidade de defesa do índio manteve contato, durante o fim de semana com vários conselheiros indigenistas da Europa e América do Norte, pedindo uma articulação conjunta para toda a pressão possível junto ao governo federal a fim de evitar uma intervenção no Xingu. Segundo Gaiger, já estão sendo expedidos vários telegramas destas entidades ao governo do Brasil, manifestando esta preocupação.

Há mais de uma semana, os índios txucarramãe apreenderam a balsa que possibilita todo o tráfego entre a reserva indígena, mais seis funcionários da Funai e o diretor da reserva, em represália à negativa do presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, em ir até o Xingu para

negociar as reivindicações indígenas. Os txucarramãe querem, agora, a demissão do presidente da Funai. Os índios, segundo a ANAÍ, pedem de volta uma parte do Parque Nacional do Xingu, que lhes foi tirado em 1972, quando o governo Médici mandou construir a BR-080, que liga Cuiabá a Santarém. A estrada dividiu a reserva praticamente ao meio, "roubando-lhes a parte norte, com 8.180 quilômetros quadrados, justamente as terras mais ricas em flora, fauna e minerais", acrescentou o presidente da ANAÍ, ao detalhar que, originalmente, o Parque do Xingu possuía 22 mil quilômetros quadrados. "Não há dúvida que estão em jogo interesses econômicos extremamente altos", sentenciou Júlio Gaiger.

As terras de volta

A BR 080, que liga Cuiabá a Santarém, e que dividiu a reserva ao meio, fez também com que os índios se dividissem em dois grupos: um de resistência permaneceu na parte norte desapropriada, chefiado pelo famoso cacique Raoni, tendo resistido a todas as formas de ocupação das terras — que ultimamente têm se intensificado, segundo informações que Júlio Gaiger possui —, enquanto a maioria dos pouco mais de 300 sobreviventes da tribo ficou na parte sul.

Já em 1971 o conflito se armava, explica Gaiger, quando o general Médici, através do Decreto 68.909, abriu precedentes para a desapropriação das terras indígenas; o decreto assinava que enquanto os índios permanecessem

em determinada região, a terra era reserva indígena, mas quando não houvesse mais indígenas a terra tornava-se privatizável, o que significava, em síntese, que os índios podiam ser retirados de determinada área por força de interesses econômicos. Isso acabou acontecendo quando da construção da BR 080, em 1972.

Em 1980, o cacique Raoni obteve a promessa da Funai de que as terras ao norte da estrada seriam devolvidas aos índios, mas até agora nada foi feito. Tudo isso gerou o atual conflito, com os txucarramãe que exigem a renúncia do atual presidente da Funai. Em pé de guerra, eles são muito perigosos, diz o presidente da ANAÍ: "são caçadores tradicionais, extremamente guerreiros e psicologicamente instáveis quando provocados". Por isso, ele não tem dúvida de que, para o governo, uma carga de algemas baixas indígenas "é perfeitamente suportável". Para Gaiger, "estão cavando uma atitude violenta dos índios, como a morte de um dos funcionários presos ou a destruição da balsa, para então intervir militarmente". E a intervenção militar está prevista no Estatuto do Índio.

Em razão de todo o conflito que se arma na região, a ANAÍ adiantou-se em responsabilizar formalmente o presidente da Funai Otávio Lima e o ministro do Interior, Mário Andreazza, "por toda e qualquer baixa que houver na região, seja de índio ou de branco". O cacique Raoni mantém 80 guerreiros armados ao norte do Xingu, o que significa que um conflito de consequências trágicas não está afastado.

Andreazza não admite pressões

"A demissão do presidente da Fundação Nacional do Índio está fora de cogitação", disse o ministro do Interior, Mário Andreazza, a quem o presidente da Funai está subordinado. Segundo Andreazza, Otávio Ferreira Lima está há pouco tempo no cargo e o problema indígena no Parque Xingu é antigo, datando de 1961. O problema desta reserva, que possui uma área de 3 milhões de hectares e 3 mil índios, na opinião do ministro, exigirá um estudo aprofundado da legislação, que está sendo feito há três dias, pelos diversos órgãos envolvidos por questão — Funai, Inca e Governo do Estado do Mato Grosso.

Por enquanto, Andreazza prefere não adiantar qualquer solução que será dada à questão, esperando o parecer destes órgãos ao Ministério do Interior, decidindo, então, em conjunto com o Ministério para Assuntos Fundiários.

A decisão sobre as terras reivindicadas pelos índios do Parque Xingu, segundo Andreazza, não poderá ser imediata, devido a uma série de aspectos que dificultam o encaminhamento de uma solução para o problema. Entre eles, o fato de que as terras se encontram tituladas pelo Governo do Estado do Mato Grosso.

Sertanista intermedia negociação

A Fundação Nacional do Índio (Funai) designou o sertanista Sidney Possuelo para negociar com os índios Txucarramãe do parque do Xingu, a demarcação das terras indígenas e obter a liberação do tráfego na rodovia BR-80.

Possuelo entende que os Txucarramães têm o direito de ocupar os 15 quilômetros ao longo da estrada e tentará convencer, em Goiânia, os fazendeiros a aceitarem o ponto de vista indígena. O sertanista segue amanhã para o posto de Dlauarum, onde

esperará os índios para a retomada do diálogo.

Os proprietários das terras situadas ao norte do Parque Nacional do Xingu não apresentarão nenhuma proposta aos dirigentes da Funai, com quem se reúnem, hoje, em Goiânia, para discutir o conflito entre o órgão e as tribos que habitam o parque.

A opinião dos fazendeiros é que a ampliação da chamada área neutra entre as fazendas e a reserva é desnecessária, por que o rio já funciona como isolamento.